



Universidade Federal do Pará  
Instituto de Ciências das Artes  
Faculdade de Artes Visuais  
Curso de Bacharelado em Museologia

**FRATRIMÔNIOS BIOCULTURAIS E PERSPECTIVAS MUSEAIS DO  
PROJETO BRASIL-ÍNDIA DA UFPA**

Rayanne dos Santos Góes  
Rosilene Barata Aleixo Corrêa  
Susan Evelyn Pacheco Assunção

**Trabalho de Curso (Museologia)**

BELÉM - PA

2025



Universidade Federal do Pará  
Instituto de Ciências das Artes  
Faculdade de Artes Visuais  
Curso de Bacharelado Em Museologia

Rayanne dos Santos Góes  
Rosilene Barata Aleixo Corrêa  
Susan Evelyn Pacheco Assunção

**FRATRIMÔNIOS BIOCULTURAIS E PERSPECTIVAS MUSEAIS DO  
PROJETO BRASIL-ÍNDIA DA UFPA**

Trabalho de Conclusão de Curso,  
apresentado como requisito parcial para  
obtenção de grau de Bacharel em  
Museologia, pela Universidade Federal do  
Pará

Orientadora: Valéria dos Santos Moraes-  
Ornellas

Coorientador: Diogo Jorge de Melo

BELÉM - PA

2025

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD  
Biblioteca Universitária da ETDUFPA-Belém-PA**

---

G598f      Góes, Rayanne dos Santos  
Fratrimônios bioculturais e perspectivas museais do Projeto Brasil-Índia da UFPA / Rayanne dos Santos Góes, Rosilene Barata Aleixo Corrêa, Susan Evelyn Pacheco Assunção. 2025.  
39 f.  
  
Orientadora: Profª Valéria dos Santos Moraes-Ornellas  
Coorientador: Prof. Diogo Jorge de Melo  
  
Trabalho de Curso (Graduação) – Universidade Federal do Pará, Faculdade de Artes Visuais, Curso de Museologia, Belém, 2025.  
  
1. Museologia social. 2. Patrimônio – Brasil - Índia. 3. Museus. I.  
Título.

---

CDD - 23. ed. 069.72

**Elaborado por Rosemarie de Almeida Costa – CRB-2/726**



## ATA DE AFERIÇÃO DOS TRABALHOS DE DEFESA

No dia **onze do mês de setembro do ano de dois mil e vinte e cinco (11/09/2025)**, às **16:00h**, por meio de vídeo conferência (Google Meet), reuniu-se a banca examinadora formada pelas docentes **Prof. Dra. Valéria dos Santos Moraes-Ornellas (Orientadora)**, **Prof. Dr. Diogo Jorge de Melo (Coorientador)**, **Prof. Ma. Christiane Sofia Godinho Santos (Membro interno)** e **Prof. Ma. Gisele Nascimento Barroso (Membro externo)** para avaliarem o TRABALHO DE DEFESA intitulado “**FRATRIMÔNIOS BIOCULTURAIS E PERSPECTIVAS MUSEAIS DO PROJETO BRASIL-ÍNDIA DA UFPA**”, de autoria da discente **Rayanne dos Santos Góes**, do curso de Bacharelado em Museologia, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Instituto de Ciências da Arte (ICA), Universidade Federal do Pará (UFPA), no período Letivo (PL) **2025.2**. Após a apreciação do trabalho escrito e da apresentação oral e expositiva, a banca promulgou o resultado **APROVADO**, presentes na ficha em anexo, e as observações foram entregues ao discente, para serem atendidas no documento final de TCC, conforme a resolução da Faculdade de Artes Visuais. E nada mais havendo a tratar, foi lavrada a presente Ata, que depois de lida e aprovada será assinada pelos membros/membras da Banca Examinadora.

Belém, 11 de setembro de 2025.

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** VALERIA DOS SANTOS MORAES ORNELLAS  
Data: 17/09/2025 18:00:49-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Presidente (orientadora): \_\_\_\_\_

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** DIOGO JORGE DE MELO  
Data: 12/09/2025 17:32:32-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Presidente (coorientador): \_\_\_\_\_

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** CHRISTIANE SOFIA GODINHO SANTOS  
Data: 15/09/2025 12:25:45-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Membro (interno): \_\_\_\_\_

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** GISELE NASCIMENTO BARROSO  
Data: 17/09/2025 12:37:15-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Membro (externo): \_\_\_\_\_



## ATA DE AFERIÇÃO DOS TRABALHOS DE DEFESA

No dia **onze do mês de setembro do ano de dois mil e vinte e cinco (11/09/2025)**, às **16:00h**, por meio de vídeo conferência (Google Meet), reuniu-se a banca examinadora formada pelas docentes **Prof. Dra. Valéria dos Santos Moraes-Ornellas (Orientadora)**, **Prof. Dr. Diogo Jorge de Melo (Coorientador)**, **Prof. Ma. Christiane Sofia Godinho Santos (Membro interno)** e **Prof. Ma. Gisele Nascimento Barroso (Membro externo)** para avaliarem o TRABALHO DE DEFESA intitulado “**FRATRIMÔNIOS BIOCULTURAIS E PERSPECTIVAS MUSEAIS DO PROJETO BRASIL-ÍNDIA DA UFPA**”, de autoria da discente **Rosilene Barata Aleixo Correa**, do curso de Bacharelado em Museologia, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Instituto de Ciências da Arte (ICA), Universidade Federal do Pará (UFPA), no período Letivo (PL) **2025.2**. Após a apreciação do trabalho escrito e da apresentação oral e expositiva, a banca promulgou o resultado **APROVADO**, presentes na ficha em anexo, e as observações foram entregues ao discente, para serem atendidas no documento final de TCC, conforme a resolução da Faculdade de Artes Visuais. E nada mais havendo a tratar, foi lavrada a presente Ata, que depois de lida e aprovada será assinada pelos membros/membras da Banca Examinadora.

Belém, 11 de setembro de 2025.

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** VALERIA DOS SANTOS MORAES ORNELLAS  
Data: 17/09/2025 18:06:36-0300  
verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Presidente (orientadora): \_\_\_\_\_

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** DIOGO JORGE DE MELO  
Data: 12/09/2025 17:32:32-0300  
verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Presidente (coorientador): \_\_\_\_\_

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** CHRISTIANE SOFIA GODINHO SANTOS  
Data: 15/09/2025 12:25:45-0300  
verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Membro (interno): \_\_\_\_\_

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** GISELE NASCIMENTO BARROSO  
Data: 17/09/2025 12:31:15-0300  
verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Membro (externo): \_\_\_\_\_



## ATA DE AFERIÇÃO DOS TRABALHOS DE DEFESA

No dia **onze do mês de setembro do ano de dois mil e vinte e cinco (11/09/2025)**, às **16:00h**, por meio de vídeo conferência (Google Meet), reuniu-se a banca examinadora formada pelas docentes **Prof. Dra. Valéria dos Santos Moraes-Ornellas (Orientadora)**, **Prof. Dr. Diogo Jorge de Melo (Coorientador)**, **Prof. Ma. Christiane Sofia Godinho Santos (Membro interno)** e **Prof. Ma. Gisele Nascimento Barroso (Membro externo)** para avaliarem o TRABALHO DE DEFESA intitulado “**FRATRIMÔNIOS BIOCULTURAIS E PERSPECTIVAS MUSEAIS DO PROJETO BRASIL-ÍNDIA DA UFPA**”, de autoria da discente **Susan Evelyn Pacheco Assunção**, do curso de Bacharelado em Museologia, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Instituto de Ciências da Arte (ICA), Universidade Federal do Pará (UFPA), no período Letivo (PL) **2025.2**. Após a apreciação do trabalho escrito e da apresentação oral e expositiva, a banca promulgou o resultado **APROVADO**, presentes na ficha em anexo, e as observações foram entregues ao discente, para serem atendidas no documento final de TCC, conforme a resolução da Faculdade de Artes Visuais. E nada mais havendo a tratar, foi lavrada a presente Ata, que depois de lida e aprovada será assinada pelos membros/membras da Banca Examinadora.

Belém, 11 de setembro de 2025.

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** VALERIA DOS SANTOS MORAES ORNELLAS  
Data: 17/09/2025 18:10:46-0300  
verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Presidente (orientadora): \_\_\_\_\_

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** DIOGO JORGE DE MELO  
Data: 12/09/2025 17:32:32-0300  
verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Presidente (coorientador): \_\_\_\_\_

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** CHRISTIANE SOFIA GODINHO SANTOS  
Data: 15/09/2025 12:25:45-0300  
verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Membro (interno): \_\_\_\_\_

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** GISELE NASCIMENTO BARROSO  
Data: 17/09/2025 12:37:15-0300  
verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Membro (externo): \_\_\_\_\_

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos, primeiramente, a Deus, por nos conceder força, sabedoria e serenidade ao longo desta jornada.

À nossa orientadora e ao nosso coorientador, registramos nossa mais profunda gratidão pela paciência, pelos ensinamentos e por todo o suporte durante o desenvolvimento deste trabalho. Sua inteligência, organização e sensibilidade foram fundamentais para a realização desta pesquisa. Sentimo-nos imensamente gratas pela oportunidade de participar deste projeto, que nos encantou pela riqueza de conhecimento e pelas belezas naturais que tivemos a chance de conhecer.

Às nossas mães, deixamos nosso mais sincero agradecimento pelo apoio incondicional ao longo de toda a nossa trajetória acadêmica. Seus incentivos constantes, especialmente nos momentos mais desafiadores, foram essenciais para que seguíssemos firmes até aqui. Agradecemos, também, às nossas amigas da faculdade, que nos ofereceram apoio emocional, compartilharam conhecimentos e estiveram ao nosso lado nesta reta final da graduação. A presença e parceria de cada uma fez toda a diferença.

“Um rio não deixa de ser um rio porque conflui com outro rio, ao contrário, ele passa a ser ele mesmo e outros rios, ele se fortalece”.

**(Antônio Bispo dos Santos)**

“Aqueles que têm um grande autocontrole ou que estão totalmente absortos no trabalho falam pouco. Palavra e ação juntas não andam bem. Repare na natureza: trabalha continuamente, mas em silêncio”.

**(Mahatma Gandhi)**

## RESUMO

GOÉS, Rayanne dos Santos. CORRÊA, Rosilene Barata Aleixo. ASSUNÇÃO, Susan Evelyn Pacheco. *Fratrimônios Bioculturais e Perspectivas Museais do Projeto Brasil-Índia da Universidade Federal do Pará*. Pará, 2025, 35 p. Defesa (Bacharel em Museologia) – Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará, Belém, 2025.

Este artigo discute os fratrimônios bioculturais a partir da perspectiva do Projeto de Pesquisa Brasil-Índia, desenvolvido na Universidade Federal do Pará (UFPA), com o intuito de analisar as convergências e divergências entre os dois países em relação aos seus fratrimônios. O estudo tem como objetivo compreender os desafios enfrentados por comunidades tradicionais como o quilombo Genipaúba, no Baixo Acará, e as comunidades do Pesqueiro, Céu e Caju-Una, localizadas em Soure, na Ilha do Marajó, no processo de preservação, valorização e fortalecimento da resiliência de seus fratrimônios bioculturais. São desenvolvidos diálogos com percepções de membros da comunidade indiana na Amazônia e com alguns resultados obtidos em pesquisas de campo realizadas pelo *Projeto Brasil-Índia* com comunidades tradicionais indianas. A metodologia adotada incluiu pesquisa bibliográfica, entrevistas semiestruturadas, observação participante e atividades ecopedagógicas. Os resultados indicam a relevância da valorização dos saberes e práticas tradicionais na promoção da resiliência climática e na construção de novas concepções museais. Conclui-se que o fortalecimento dos fratrimônios bioculturais, tanto no Brasil quanto na Índia, contribui em processos de integração entre sociedade, cultura e natureza, podendo promover práticas sustentáveis e a regeneração ambiental.

**Palavras-chave:** Patrimônio, Fratrimônio, Museologia Social, Biocultural, Saberes Tradicionais

## ABSTRACT

GOÉS, Rayanne dos Santos. CORRÊA, Rosilene Barata Aleixo. ASSUNÇÃO, Susan Evelyn Pacheco. Biocultural Fraternities and Museum Perspectives of the Brazil-India Project of the Federal University of Pará. Pará, 2025, 35 p. Defense (Bachelor's Degree in Museology) – Institute of Art Sciences, Federal University of Pará, Belém, 2025.

This article discusses biocultural fraternities from the perspective of the Brazil-India Research Project, developed at the Federal University of Pará (UFPA), which analyzes the similarities and differences between the two countries regarding their fraternities. The study aims to understand the challenges faced by traditional communities such as the Genipaúba quilombo in Baixo Acará, and the Pesqueiro, Céu, and Caju-Uma communities in Soure, on Marajó Island, in the process of preserving, valuing, and strengthening the resilience of their biocultural fraternities. The study discusses the perceptions of members of the Indian community in the Amazon and some results obtained from field research conducted by the Brazil-India Project with traditional communities in the Indian Country. The methodology adopted included bibliographical research, semi-structured interviews, participant observation, and ecopedagogical activities. The results indicate the relevance of valuing traditional knowledge and practices in promoting climate resilience and developing new museum concepts. It is concluded that the strengthening of biocultural fraternities, both in Brazil and in India, contributes to processes of integration between society, culture and nature, and can promote sustainable practices and environmental regeneration.

**Keywords:** Heritage, Fraternity, Social Museology, Biocultural, Traditional Knowledge

## SUMÁRIO

|  |           |
|--|-----------|
| <b>1. Introdução.....</b>  | <b>8</b>  |
| <b>2. Primeiro Estudo de Caso: a Festividade de São Benedito da Comunidade Quilombola Igarapé Genipaúba.....</b> | <b>13</b> |
| <b>3. Segundo Estudo de Caso - Comunidades de Soure, Marajó (PA).....</b>  | <b>17</b> |
| <b>4. Terceiro estudo de caso: o Gato-Maracajá como instância fratrimonial e biocultural.....</b>                | <b>22</b> |
| <b>7. Fratrímonios Bioculturais e Percepções Museais no Projeto Brasil-Índia.....</b>                            | <b>26</b> |
| <b>8. Considerações finais.....</b>  | <b>32</b> |
| <b>9. Referências.....</b>   | <b>33</b> |

## INTRODUÇÃO

A relação entre Brasil e Índia é demasiadamente antiga, não é de hoje que ouvimos e lemos histórias sobre encontros culturais entre esses dois países. Por exemplo, essa relação simbólica remonta a períodos históricos, como a chegada dos portugueses ao que hoje é o território brasileiro, acreditando terem chegado na Índia, já que buscavam estabelecer rotas comerciais com o oriente, fato que acabou por denominar as populações tradicionais aqui existentes como *indígenas* (Silveira; Lemberck, 2025). Ressaltamos que esses dois países encontram-se, mesmo que simbolicamente, em diferentes aspectos culturais, seja por meio de suas histórias ou pelas ricas interculturalidades que os aproximam.

É justamente pensando nesse cenário de trocas e confluências culturais, que surgiu a proposta do *Projeto de Pesquisa Brasil-Índia*, vinculado à Faculdade de Etnodiversidade da Universidade Federal do Pará em Altamira. Este, possui o objetivo de elaborar e desenvolver estratégias bilaterais entre ambos os países, com o intuito de enfrentar a hegemonia do dito “Primeiro Mundo”, integrando saberes e práticas acadêmicas, como também, tradicionais, visando aspectos de sustentabilidade. Este projeto também visa fomentar a estruturação de um ecomuseu que atuará, através de parcerias e acordos bilaterais entre instituições de ambos os países, em prol do aprimoramento de mecanismos de etnodesenvolvimento e desenvolvimento local de comunidades tradicionais. Com isso, buscará produzir conhecimento voltado à resiliência socioecológica global, identificando e valorizando patrimônios materiais e imateriais, por meio da memória biocultural destes territórios (Moraes-Ornellas, 2023).

Deste mote, o projeto pretende auxiliar na preservação e valorização de distintos bens culturais e ambientais de comunidades que foram historicamente silenciadas. Aportando-se na premissa de que, a globalização e as mudanças sociais têm causado rupturas em diversas tradições culturais, essenciais à manutenção das manifestações culturais, consideradas demasiadamente relevantes ao bem-estar social e o equilíbrio ambiental. Destacamos que ambos os países perderam significativamente partes vitais e dinâmicas de suas biodiversidades, assim como em seus aspectos culturais, sejam em instâncias tangíveis, mas principalmente as intangíveis.

Por exemplo, no Brasil e na Índia existem calendários ecológicos e agroecológicos desenvolvidos por povos indígenas e comunidades tradicionais, a partir da compreensão por eles vivenciada dos ciclos da natureza. Eles compõem sistemas de cultivo que

integram práticas de conservação ambiental, diversificação de espécies e respeito aos ciclos naturais, que têm por finalidade criar ambientes agrícolas sustentáveis, socialmente justos e economicamente viáveis e/ou extrativismos vegetais e animais muito preciosos. No entanto, apesar de ilustrarem a aplicação dos conhecimentos tradicionais em diversas formas de culturas de subsistência com bases sustentáveis, estes vêm sendo transformados ou perdidos, por consequência da pressão da ocupação territorial, em suas adjacências, como a expansão e implementação de fazendas de grandes produtores (Moraes-Ornellas, 2023, Moraes-Ornellas; Santos; Fernandes, 2023). Em adição a isso, temos na Índia as interações da sociedade com plantas, animais e locais sagrados, que estão sendo fortemente influenciadas pelos processos de globalização e do capitalismo, resultando em degradações ambientais, bem como a poluição de rios e derrubada de bosques que eram reverenciados pelas populações tradicionais (Cairns, 2020; Naithani e Pande, 2015; Sharma *et al.* 2020).

Salientamos que a *memória biocultural*, em nossa perspectiva de atuação, desempenha um papel fundamental na conservação e no estabelecimento da biodiversidade, no fortalecimento da autonomia territorial e no enfrentamento da crise sistêmica (Pedro *et al.*, 2023). Isso se deve ao fato de que ela engloba práticas e saberes adquiridos por meios empíricos e transmitidos através das gerações, os quais resultaram em uma ampla variedade de técnicas de manejo, aplicadas aos cultivos tradicionais das sociedades (Altieri, 1993). Deste modo, podemos definir a *memória biocultural* como a herança ou recordação que a espécie humana tem da nossa “passagem” pela Terra, que é “a um só tempo, individual, social, civilizatória, mas também é memória genética e biológica”, sendo a memória da nossa ecodependência para com a natureza (Hernandez, 2022, p. 30).

Evidenciamos também, que este estudo se utiliza de uma abordagem alternativa à noção convencional de *patrimônio*, que é empregada em conformidade a proposta do *Projeto Brasil-Índia*, isto é, como um conceito que auxilia a compreensão e identificação dos processos de preservação cultural. Soma-se aqui, a conceituação de *fratrimônio*, que enfatiza a dimensão relacional, comunitária e fraternal das pessoas que exercem e detêm os saberes e práticas em questão, conforme apresentado por Melo (2020):

[...] A amplitude de utilização do termo “patrimônio”, apesar de historicamente estar ancorada na concepção de “patrimônio mundial”, se desdobrou em diversos sentidos e hoje entendemos o termo como sendo polissêmico. Normalmente empregado com o auxílio de uma adjetivação, pois ele passou a compreender uma diversidade de

questões, e ser percebido como um processo de relações de afetividade e sentimentos. Principalmente se reportando a questões de identidade, decorrente do fato de se pensar questões referentes aos patrimônios imateriais ou intangíveis. (Melo, 2020, p. 108)

O conceito de *fratrimônio* foi cunhado por Mário Chagas (2003), pensado como uma forma de questionar e contrapor a noção tradicional de “patrimônio”. Ao tratar do último, compreende-se que está historicamente arraigado ao patriarcado e às dinâmicas coloniais de poder e dominação, marcadas por relações predominantemente hierárquicas e diacrônicas, conjugadas pelos aspectos de herança de bens materiais transmitidas de pai para filho e pela legitimação de um saber autorizado, o qual define o que deve ser importante e valioso para ser preservado. O *fratrimônio*, propõe uma ruptura, uma demarcação diferenciada para com essa lógica. Tal conceituação destaca as acepções de fraternidade e afetividade, valorizando aspectos relacionais horizontalizados e reconhecendo a coletividade em relação aos saberes e práticas culturais. Emerge na atualidade como uma forma de resistência que é reforçada por meio dos vínculos comunitários, familiares, de vizinhança e amizades. Assumindo a compreensão de que eles constroem juntos o significado do que merece ser cuidado, cultivado e transmitido. Trata-se, portanto, de um conceito que desloca o foco da autoridade institucional à vivência cotidiana dos grupos sociais, mas não exclui divergências e conflitos existentes nessas relações.

Com isso, buscamos trazer à tona os espaços das subalternidades e outras formas de relações sociais presentes no mundo, para reconhecer os seus saberes e fazeres como parte de processos epistêmicos. O conceito valoriza as diferentes visões de mundo, que podem e devem se integrar ao desejo de construir novos lugares simbólicos e físicos, perspectivas que valorizem esses processos, como as suas memórias e vínculos afetivos, que formam o que seriam os lugares simbólicos e físicos do *fratrimônio*, pelo significado que carregam<sup>1</sup> (Melo, 2021).

Com base no que foi apresentado, conjugamos ambos os conceitos de *memória biocultural* e *fratrimônio*, aqui nominado de *fratrimônio biocultural*, para identificarmos e refletirmos sobre três estudos de caso, realizados em contextos distintos, mas vinculados às ações do *Projeto Brasil-Índia*. Deste modo, essa pesquisa se estrutura como de ordem qualitativa, com aportes da observação participante e com relatos e descrições que seguem acepções etnográficas (Gibbs, 2009; Angrosino, 2009). Destacamos que os estudos de

---

<sup>1</sup> O termo faz alusão ao “lugar de memória” de Pierre Nora.

caso representam diversas experiências vividas pelas três autoras, estudantes do curso de Museologia da Universidade Federal do Pará, que atuaram no projeto durante os anos de 2023, 2024 e 2025. Cada uma apresenta suas vivências e as vincula às suas expertises no campo museal. Desta forma, trazem para junto da discussão apresentada aspectos da museologia, principalmente referenciando-se a museologia social. Cabe destacar que, Rayanne dos Santos Góes pertence à comunidade quilombola do primeiro e terceiro estudo de caso, e por isso, tal relato pode apresentar um caráter *fratrimonial* muito próximo e afetivo, sendo muitos dos protagonistas apresentadas, seus parentes, que serão indicados ao longo do texto.

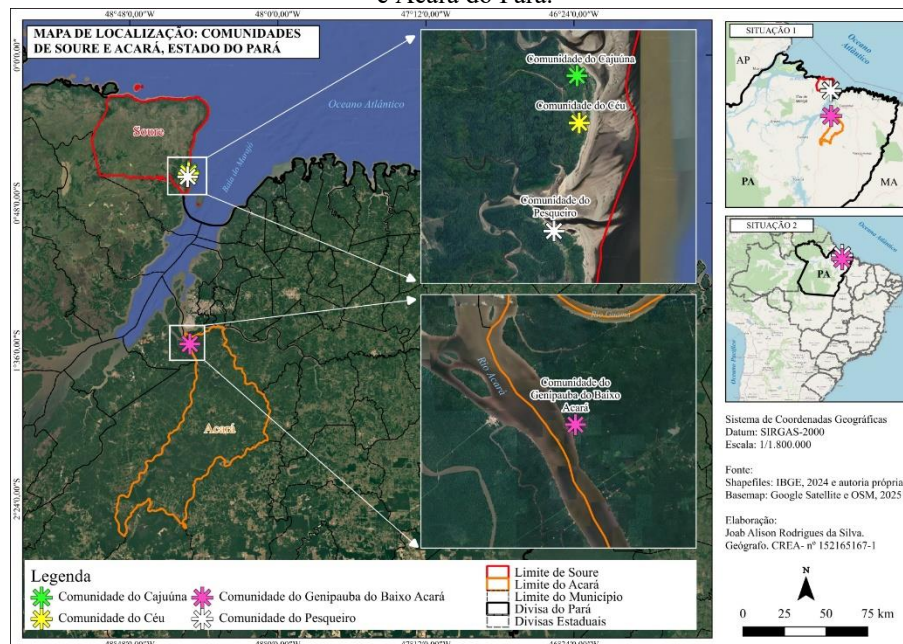
Os estudos de caso serão apresentados conforme a ordem cronológica em que se iniciaram as pesquisas. Sendo o primeiro estudo, relacionado a festividade de São Benedito na comunidade quilombola de Igarapé Genipaúba, pertencente ao município do Acará, mais especificamente no Baixo Acará, as atividades de pesquisa nessa localidade se iniciaram em 2023. Posteriormente, temos o estudo de caso que retrata três comunidades do município de Soure, no arquipélago do Marajó (PA), sendo elas Pesqueiro, Cajú Una e Céu, cujas atividades se iniciaram em 2024. Por fim, o terceiro estudo de caso, aborda as relações *fratrimoniais* e *bioculturais* da mesma localidade do primeiro estudo de caso (Figura 1), evidenciando relações desta população com o gato-maracajá (*Leopardus wiedii*), cujas atividades de pesquisas se iniciaram no ano de 2025. Destacamos que, todos os estudos de caso ainda encontram-se em processos de desenvolvimento e que as atividades de campo ainda estão sendo realizadas, logo, este trabalho é um recorte que traz resultados preliminares do *Projeto Brasil-Índia*.

Buscaremos aqui, compreender como esses grupos se organizam em relação às suas práticas de memórias e sua preservação, e de que maneira esses vínculos revelam diversas formas de pertencimento, de valorização cultural e preservação ambiental, conforme a acepção apresentada do *fratrimônio biocultural*. Com isso, também refletiremos sobre processos museais, que vão para além das fronteiras disciplinares da museologia mais tradicional, nos direcionando para perspectivas ligadas à museologia social ou sociomuseologia, assim como as vertentes de museologias quilombolas e indígenas (Chagas, Gouveia, 2014, Souza *et. al.*, 2025; Santos, Barbosa, 2024).

Conforme apresentado nos objetivos do *Projeto Brasil-Índia*, buscamos ampliar horizontes e traçar analogias dialógicas entre a Índia e as populações amazônicas, evidenciando suas experiências afetivas e coletivas que sustentam os seus *fratrimônios*. No entanto, essas relações serão apresentadas de modo circunstanciais, por meio da

interposição de falas de dois indianos que residem na Amazônia, os quais serão identificados como E1 e E2.

Figura 1 – Mapa com as comunidades que são abordadas nos três estudos de caso no Município de Soure e Acará do Pará.



Fonte: Mapa produzido por Joab Alison Rodrigues da Silva, 2025.

Devemos destacar que E1 é acadêmico, professor e doutor, que atua com questões voltadas ao direito e psicologia, além de trabalhar também com questões energéticas, tendo migrado do estado de Kerala na Índia, uma região rural, que cultiva frutas, verduras e inclusive macaxeira<sup>2</sup>. O indiano E2, é nascido no estado de Odisha, se identifica como oriundo de uma população tradicional, conforme ele se autodenominou, um indígena da Índia, da etnia Khariya e atualmente reside em Santarém (PA). Ele trabalha com questões energéticas e de linguagem. Focalizamos assim, a percepção que eles têm sobre determinados elementos culturais que se configura em contato com tradições bioculturais amazônicas. Devemos, por fim, destacar que alguns dos indivíduos de nossos estudos de caso, não serão identificados para proteger a privacidade dos participantes e garantir que os dados coletados sejam tratados de forma ética e sigilosa, serão denominados de M1 e M2, sendo eles, indivíduos que vivem nas comunidades em questão. M1 é uma mulher de 65 anos de idade, aposentada, nascida e criada no Igarapé Genipaúba e que trabalhava na roça, atualmente costuma ficar em casa cuidando dos seus filhos. M2 tem 36 anos de idade, nasceu e foi criado na comunidade, gosta de caçar e anda muito na floresta.

<sup>2</sup> *Manihot esculenta*, planta euforbiácea e de origem Sul-Americana, que hoje é cultivada em diversos países, inclusive a Índia.

## 1. Primeiro Estudo de Caso: a festividade de São Benedito da Comunidade Quilombola Igarapé Genipaúba

A festividade São Benedito, da comunidade quilombola de Igarapé Genipaúba, configura-se como uma celebração cheia de significados simbólicos, sendo uma forte manifestação de fé, que vem fortalecendo identidades culturais das pessoas desta localidade. Tal festividade é celebrada anualmente, e se configura mais do que uma simples homenagem ao santo em questão, pois se caracteriza como um momento de socialização, mas também a consideramos como um elemento de resistência e aprendizagem, onde são exaltadas as raízes culturais locais, com suas identidades negras africanas, quilombolas.

Podemos assim destacar, para além da festividade, as suas danças, músicas, culinária e diversos rituais religiosos. Com essa concepção, documentamos a importância dessa celebração e tentamos compreender um pouco do seu processo histórico, utilizando de relatos orais da comunidade e até mesmo fontes históricas documentais, no caso de um caderno de anotações, onde fora registrada detalhadamente a história da festividade. Conseguimos assim, assimilar sobre as diversas relações *fratrimônias* e *bioculturais*, que fortalecem o sentimento de pertencimento comunitário e sensibilizam a sociedade para aspectos referentes a proteção de sua memória.

Contextualizando a questão quilombola no Pará, sabemos que o estado se configura entre os que possuem o maior número de comunidades deste tipo certificadas, estando junto estatisticamente com o Maranhão, Minas Gerais e Bahia, mas com projeção de se tornar, em breve, o estado com o maior número de titulações concedidas (Geledés, 2022), sendo que a maioria dos títulos de reconhecimentos destas comunidades foram concedidos em nível estadual, principalmente por pressão do movimento negro paraense e das próprias comunidades com suas associações (Fiabani, 2021).

O território de Igarapé Genipaúba, assim como em outros quilombos na região, ainda possui uma forte relação com o meio ambiente, onde as práticas de cultivo, pesca e artesanato são fundamentais à subsistência e a configuração de suas identidades culturais. Entretanto, esses territórios enfrentam desafios significativos relacionados à preservação ambiental e à manutenção de suas práticas sustentáveis, estando sempre diante de pressões externas, como o avanço de monoculturas ou o uso indiscriminado de

agrotóxicos, os quais afetam diretamente seus recursos naturais e modo de vida (Chavis, 1993).

A comunidade relatou durante as pesquisas, que a origem da festividade foi na década de 1980, quando houve a primeira procissão. Aspecto que possibilitou a realização de uma melhor contextualização histórica, principalmente por meio de um *livro* da história da festividade. Se trata de um caderno de anotações, feito por Rosana Evangelista de Oliveira Góes<sup>3</sup>, o qual tivemos acesso e que nos conta que a imagem do santo pertencia a Blezio dos Santos, mais conhecido por Guito e sua esposa dona Delita. Ressaltamos que, Rayanne dos Santos Góes, uma das autoras do presente trabalho, é neta do senhor José Lima e sobrinha da Rosana Evangelista, fazendo parte da comunidade quilombola Igarapé Genipaúba, o que reforça a proximidade familiar e afetiva com os relatos aqui apresentados e evidencia o caráter fraterno do vínculo comunitário que permeia esta pesquisa.

Continuando o histórico da festividade, ressaltamos que o senhor Blezio teria deixado a imagem do santo em sua casa, que se encontrava abandonada e acabou por desmoronar. Segundo relato da mesma moradora, a casa estava em ruínas, mas apenas a parte onde o santo se encontrava *ficou de pé*, ficando protegido como se estivesse em uma espécie de capela. Foi quando Manoel Evangelista de Oliveira, mais conhecido como Manduquinha, ao encontrar Guito na cidade de Belém, o pediu que desse o santo para ele, que acabou por trocar por uma porca. Memória fortemente marcada na comunidade, pois essa narrativa é proferida por diversos moradores.

Numas de suas Viagem a Belém, manduquinha encontrou com o senhor Blezio (Guito) e disse-lhes você bem que me dava aquela imagem de São Benedito que está em sua casa, casa que já caiu. E seu Blezio (Guito) respondeu: se pertencesse só a mim eu dava, mas é também de minha esposa. Manduquinha disse: fale com ela e depois me dê a resposta. Passou alguns anos e Manoel (Manduquinha) encontrou com o senhor Blezio e perguntou-lhe, já tem uma resposta para o meu pedido? E ele respondeu, sim dá eu não dou, mas eu troco, se você tiver uma leitoa, boa para comer, traga-me a leitoa e vá buscar o santo. (Transcrição do Caderno de Rosana Evangelista)

Já com o santo em sua residência, Manduquinha precisou recorrer aos seus serviços, pedindo por uma intervenção milagrosa para com a saúde de sua esposa, Dona Theodora. Resolveu assim, organizar uma ladainha para o santo e pediu auxílio de seus amigos, José de Lima Góes, conhecido como Caboco, e sua esposa Olgarina, chamada na

---

<sup>3</sup> Tia e madrinha de uma das autoras do artigo.

comunidade de Olga, que de pronto emprestaram a sua casa, onde era realizado o jantar para os *rezantes*.

O senhor José Lima e dona Olgarina disseram que sim, nós vamos lhe ajudar a pagar sua promessa. No segundo sábado do mês de agosto de 1985 realizou-se a primeira festividade ao Glorioso São Benedito, com a ajuda dos familiares do seu José Lima e foi organizada a primeira procissão com saída da Residência do Senhor Edgar e de sua esposa dona Antônia.

Assim conseguimos compreender como a manifestação surgiu, intermediada por relatos de moradores que se somou ao registro escrito, que acabou por ser tornar um documento de suporte para essa oralidade. Destacamos que, com o passar do tempo, diversos protagonistas, atuando de forma coletiva, foram dando suas contribuições, como a construção do barracão, assim como a formação da Irmandade de São Benedito, que instituiu a tradição do mastro.

[...] o primeiro mastro da festa ficou sobre a responsabilidade de Damilton de Souza Guimarães, que trouxe durante muitos anos sua contribuição que ficou sendo juiz perpétuo, ou seja, até o fim de sua vida, depois de seu falecimento seus irmãos ficaram com suas responsabilidades de trazer todos os anos o mastro. O seu irmão mais velho Astrogildo de Souza Guimarães e Sebastião de Souza Guimarães seu irmão caçula. A Ramada ficou sobre a responsabilidade da família Moraes que por cinco anos ornamentou o barracão. Um pouco antes de seu falecimento o senhor Manoel (Manduquinha) entregou a imagem de São Benedito para o Senhor José Lima e Olgarina para que ficassem zelando pela imagem e dando continuidade na festividade. (Transcrição do Caderno de Rosana Evangelista)

Atualmente, a festividade começa no dia 22 de agosto e dura uma novena, ou seja, nove dias. No oitavo dia de novena, a berlinda de São Benedito é levada à casa do Seu Raminho e é deixada para passar a noite lá. No dia seguinte, pela tarde, a comunidade se reúne e cada um em seu barco, vai até a entrada do igarapé para acompanhar a procissão. Os barcos vão bem devagar, pois algumas famílias fazem suas homenagens, preces, pedidos de suas casas. Quando São Benedito chega até sua capela, é recebido com aplausos dos visitantes que homenageiam o santo com fogos de artifício.

Alguns dos principais elementos são as bandeiras da festividade, estas são confeccionadas e doadas pelos moradores, geralmente com o intuito de agradecer as graças alcançadas. O mastro se constitui em um elemento que simboliza a fé da comunidade, sendo ele retirado da natureza, colocado para secar e depois pintado e enfeitado por frutas. Por último, os fogos de artifício têm o objetivo de anunciar a

proximidade do festejo, além de celebrar a chegada do santo à sua capela, onde a meia-noite visa alegrar ainda mais a festa dançante.

Gostaríamos de destacar, somando ao aspecto simbólico da festividade, que coletamos o relato do José Lima, morador da comunidade que atuava como organizador da festa. Ele nos contou, que antigamente um barco partiu de uma comunidade carregado de mercadorias, como cana, guarumã<sup>4</sup>, carvão e farinha. Nesse barco, havia um devoto de São Benedito, e quando chegaram ao meio da baía a embarcação afundou, desesperado o devoto suplicou ao seu padroeiro, pedindo que não deixasse que eles morressem. Foi então que uma maresia quebrou o mastro do barco e os tripulantes conseguiram se agarrar a ele, sendo levados até às margens em segurança. E assim nos contou e explicou que as frutas, presentes no mastro representam um gesto de agradecimento ao padroeiro, simbolizando a gratidão pela fartura recebida ao longo do ano.

Sabemos que são recorrentes as narrativas similares de naufrágios em festividades de São Benedito, sempre interligadas à salvação pelo mastro. Como em Vitória no Espírito Santo, onde a festa está relacionada ao suposto navio negreiro de nome Palermo, naufragado, com mesmo nome da cidade italiana onde São Benedito morreu<sup>5</sup>. Tal projetiva nos mostra como as identidades da diáspora africana no Brasil se encontram entrelaçadas em fluxos simbólicos, que foram trocados ao longo dos processos históricos e São Benedito é um desses ícones simbólicos, que aqui na Amazônia está arraigado a diversas manifestações culturais, como a Marujada na região do Salgado Paraense, ou as festividades de São Benedito da Praia, descrita por Bruno de Menezes no *Ver-o-Peso*, publicada em 1959 (Menezes, 1993), dentre muitas outras manifestações. Devemos destacar que temos registro em nossa festividade de crianças vestidas como anjos e marinheiros, que complementa nossa percepção simbólica em relação ao soçobro. Tais vestimentas são utilizadas como uma forma de agradecimento pela saúde e o bem-estar dos pequenos.

Apenas com esse pequeno relato, torna-se perceptível elementos das múltiplas dimensões culturais da Comunidade Igarapé Genipaúba, principalmente em suas memórias *fratrimoniais* e *bioculturais*, onde a sabedoria ancestral se manifesta por meio de práticas atreladas aos recursos naturais, refletidas em elementos da festividade assim

---

<sup>4</sup> Planta abundante em regiões de várzea do estado do Pará. Do caule desta planta é retirada a tala do caule, usada em artesanatos de cestaria, armação de corda e trançados. Por exemplo, dela são feitos os abanos, utilizados para abanar o fogo durante o preparo da comida

<sup>5</sup> Conforme informações do site - <https://www.es.gov.br/Noticia/tradicional-festa-de-sao-benedito-em-serra-sede-comeca-nesta-terca-feira-24>.

como a sua rica diversidade simbólica (Figura 2). Sabedoria fundamental para a subsistência e o bem-estar da comunidade, pois a valorização das tradições e a resistência cultural dos quilombolas são essenciais à preservação da identidade coletiva e o fortalecimento das relações com o meio ambiente.

Figura 2 – Fotografias da festividade de São Benedito da Comunidade Igarapé Genipaúba, ocorrida no ano de 2017. A) Chegada do Santo à Capela B) Pessoas carregando o santo em procissão. C) Levantamento dos mastros. D) Diversos mastros erguidos para a festividade. E) Capela de São Benedito ornamentada para a festividade.



Fonte: Fotografias pessoais de Rayanne Goes, ano de 2017.

## 2. Segundo Estudo de Caso - comunidades de Soure, Marajó (PA)

A cidade de Soure pertencente a região do Marajó no Pará, foi fundada em 20 de janeiro de 1847 e se destaca por ser uma importante área de preservação, que abriga a Reserva Extrativista Marinha de Soure. Esta trata-se de uma localização com altos índices de vulnerabilidade socioambiental (Santos *et al.*, 2021), no entanto, as comunidades tradicionais apresentam diversos modos de vida integrados às dinâmicas ambientais da região.

Diante disso, foram realizadas duas viagens de reconhecimento e coleta de dados às comunidades de Soure. A primeira realizada em fevereiro de 2024, quando se efetuou o levantamento quais serão abordadas, definindo-se Céu, Cajú Una e Pesqueiro, estas que ainda mantêm fortes relações com o meio ambiente, utilizando-se de diversos recursos naturais para sua subsistência. Todas as supracitadas, enfrentam problemas associados à

exploração desordenada, principalmente em relação aos seus ecossistemas costeiros, com destaque para a pesca predatória industrial (Lobato *et al.*, 2014). Partindo dessa caracterização realizada em nossa primeira ida à Soure, retornamos novamente, entre os dias 07 e 09 de junho de 2025, quando visitamos residências de moradores(as) mais antigos de cada uma das comunidades deste estudo.

Na comunidade do Céu (Figura 3), entrevistamos o seu Ronaldo Moura, pescador, cuja relação com os *fratrimônios bioculturais* locais se deram principalmente através da prática da pesca. Conforme nos contou, é o que ele mais gosta de fazer, assim como destacou o processo de tecer rede de pesca e construção barcos. Nos falou, que em todos os meses de junho participava do grupo cultural de boi-bumbá de Areia Branca, no qual representava o Cangaceiro. Seu Ronaldo informou que ele mora na comunidade há mais de sessenta e quatro anos, isso marcou a sua vida, por ter sobrevivido na localidade. Com relação ao meio ambiente, destacou a *perseguição* dos búfalos, invadindo sua plantação e quebrando tudo. Nos contou sua trajetória, falando que saiu com oito anos da comunidade de Areião, um território que não existe mais, pois as marés e a erosão o destruíram. Segundo seu Ronaldo, conseqüentemente o governo os ajudou cedendo o terreno para a implantação de onde surgiu a comunidade do Céu.

Figura 3 – Fotos da Comunidade do Céu em Soure, Marajó (PA). A e B) Habitações da Comunidade do Céu. C e D) Imagem da Praia do Céu, onde se localiza a comunidade.



Fonte: Fotografia do *Projeto Brasil-Índia*, 2023.

Conhecemos também seu Raimundo Edvaldo, um artesão de madeira, que dentre seus múltiplos talentos faz canoas, um fazer o qual considerou ser o seu principal *fratrimônio biocultural*. Aptidão que o faz reaproveitar madeiras da natureza para produzir diversos artesanatos, como remos e escoadores de louça. Também possui o

hábito de recuperar objetos do passado e cuida de um canteiro onde cultiva hortaliças. Sua principal fonte de subsistência vem da pesca, utilizada também para venda. Para esse morador, o que mais marcou a sua vida foi a derrubada do Areião, quando tinha apenas seis anos de idade. Em relação ao meio ambiente, evidenciou a mesma preocupação com os búfalos, que não deixam eles plantarem, dizendo que eles comem tudo e ninguém faz nada. É importante destacar que os búfalos não são animais nativos, tendo sua origem indiana, e foram introduzidos no século XX na região do Marajó.<sup>6</sup>

Já a moradora Patrícia Lima, dona de casa, merendeira, voluntária na biblioteca e uma liderança local, por coordenar o centro comunitário, destacou como seu *fratrimônio biocultural* a pesca, que mencionou gostar muito, e os banhos de igarapé. Dentre suas diversas relações com a natureza se destacam a extração de óleos, como o de andiroba, e a agricultura familiar, cultivando pimentão, tomate e diversas ervas medicinais. Falou do preparo do seu famoso óleo de bicho, feito a partir dos caroços pretos de tucumã caídos no chão, os que têm a larva no caroço, utilizado como remédio natural para tratar inflamações, dores e cicatrização de ferimentos. Contou também, que participa da organização da festividade do Círio de Santa Maria, a qual ocorre no segundo domingo de julho.

Segundo a tradição, contam que esta santa foi achada na antiga comunidade do Areião, tendo sido encontrada enterrada na areia, fato que teria acontecido a mais de cem anos. Segundo ela, este Círio possui 57 anos de existência e está associado a outra festa, que denominou como *Rock Doido*<sup>7</sup>, relacionada aos mastros. Cabe destacar que compõem a festividade três mastros, das mulheres, dos homens e das crianças. Patrícia nos relatou confeccionar as camisas da festividade e que são colocadas frutas para enfeitar os mastros dos adultos e nos das crianças saquinhos de brinquedos. Segundo ela, quem derruba o mastro fica responsável por realizar a festa no próximo ano.

O fato que mais marcou a vida de Patrícia foi que, anos atrás, não tinha água na comunidade, só um poço raso que secava no verão, no inverno tinha água de um carro pipa, mas em 2019 chegou a água encanada. Também destacou a chegada da energia elétrica. Por sua vez, a sua preocupação com o meio ambiente foi em relação às queimadas, pois no verão não chove e, segundo ela, uma bagana de cigarro pode ocasionar

---

<sup>6</sup> <https://www.vivala.com.br/bufalo-ilha-de-marajo>

<sup>7</sup> Expressão paraense que se refere a um aspecto cultural que abrange a energia e a vibração da região amazônica e suas festividades. No caso em questão, a expressão designa um momento de festividade mais profano, provavelmente estando liberado a música, a dança e uso de bebidas.

facilmente um incêndio. Essa moradora mencionou a erosão que vem acontecendo em decorrência das marés altas.

Também conhecemos o senhor Teófilo da Silva Neves, com seus 72 anos, que nos contou ser filho de pescador e vice-presidente da Associação de Moradores da Comunidade do Céu, composta por pescadores, artesãos e aquicultores. Ele nos falou sobre a origem da comunidade no Areião que, segundo seu relato, foi extinta devido à erosão, as marés altas, chuvas intensas e ventos fortes.

Na comunidade do Céu, entrevistamos, Antônio Carlos, conhecido por Coné, com seus 66 anos, é um pescador, que também faz remédios caseiros com diversos insumos que retira da natureza. Ele destacou que gosta de pescar e extrair óleos, como o já citado, óleo de bicho. Dentre os remédios caseiros, temos as suas *garrafadas* e para produzi-las cultiva algumas plantas medicinais, como as que ele denomina de *buscopam* e *meracilina*, utilizadas para dores e inflamações. Mencionou ter participado de grupos de carimbó e bois-bumbá, mas o fato que marcou a sua vida, além da pescaria, é o de morar há 43 anos na comunidade. Sua preocupação ambiental é com as marés altas, pois a praia do Pesqueiro não existe mais. Através das nossas observações e entrevistas com os moradores, era uma área de grande beleza natural e que hoje não tem mais esse atrativo.

Em nossas conversas, ele expressou grande satisfação pela regularização da associação de moradores, que já possui CNPJ e todas as documentações necessárias. Processo legal que garante o acesso dos pescadores ao auxílio no período do defeso. Comentou que, com essas conquistas, a associação planeja implementar novos projetos, como a construção da Casa do Pescador e a reativação da sua festividade de boi-bumbá.

Com relação a comunidade do Caju Una (Figura 4), entrevistamos o senhor Lúcio Oliveira, professor de geografia em Soure e estudante de mestrado do Museu Paraense Emílio Goeldi. Contou que o que mais gosta de fazer é defender os interesses da sua comunidade e que faz artesanatos com madeira, raízes de mangue e cascas de tartaruga. Falou sobre a Festividade de São Sebastião, que existe há 104 anos, a qual faz parte da sua tradição familiar. Segundo ele, essa é a terceira comunidade de Caju Una, as outras duas foram destruídas pelas marés. Contou que todas as comunidades tinham o mesmo nome e que faz referência a um *caju único*, de cor escura, que era encontrado na localidade. Destacamos que *una* em tupi-grarani<sup>8</sup> significa preto ou escuro, mas não conseguimos identificar na localidade atual essa espécie.

---

<sup>8</sup> <https://dicionariotupi.com.br/palavras/u-ou-una/>

Figuras 4 – Fotografias da Comunidade de Cajú-Úna. A) Parte central da comunidade, nota-se ao fundo uma Assembleia de Deus e diversas moradias. B) Vista geral das moradias.



Fonte: Fotografia do *Projeto Brasil-Índia*, 2023.

Destacamos outros moradores da comunidade, como Pedro Amaral, um pescador de 75 anos, que nos falou que gosta muito de pescar e que não gosta de participar de grupos culturais ou festividades, pelo fato de ser muito tímido. Sua preocupação em relação ao meio ambiente foi também sobre a maré alta. Obtivemos ainda relatos de Eduardo Pereira dos Santos, 86 anos, pescador que destacou que gosta de pescar, vivendo da pesca e da artesanaria de redes. Diferentemente de Pedro, já participou de um folguedo de Boi, e destacou a preocupação com a comunidade, tendo medo de ninguém fazer mais nada por ela.

Na comunidade do Pesqueiro (Figura 5), entrevistamos Joseli Alves, com idade não informada, que trabalha viajando com os turistas, e nos contou o que mais gosta de fazer sendo dançar carimbó e quadrilha junina. Ela inclusive montou um grupo com jovens e na ocasião de nossa visita estavam ensaiando uma música marajoara. Ficamos admiradas com a sua energia, cantando e dançando intensamente. Segundo ela, o grupo iria se apresentar pela primeira vez e isso a emocionava bastante, mesmo sem ter tido recursos. Joseli cultiva plantas medicinais, extrai óleo de andiroba e bicho, além de fazer comidas regionais, participa da Quadrilha União Junina e de um boi-bumbá. Contou que em 2024 passou por uma experiência que marcou a sua vida, quando testemunhou, muito emocionada, a destruição de quatro casas de sua família pelas marés. Apresentou a preocupação de que sua comunidade precise ser remanejada, mencionando um decreto da Defesa Civil.

Figura 5 – Fotos da Comunidade de Pesqueiro. A) Vila do Pesqueiro e suas habitações. B) Destroços de casas destruídas pelas marés altas.



Fonte: Fotografia do *Projeto Brasil-Índia*, 2023.

Izabel Amaral, outra moradora da localidade, falou que trabalha com a extração de óleos de andiroba e de bicho, além de plantas medicinais. Mencionou gostar de “pegar o ventinho” e que seu marido trabalha com a pesca de camarão. Desenvolve também uma agricultura familiar, tendo canteiros de plantas ornamentais, medicinais e comestíveis, aspecto que segundo ela marcam a sua vivência. Mencionou certa preocupação com os turistas, dizendo que a sua presença em Soure é de certa forma importante para eles.

Nosso último entrevistado, Rafael Barros Ferreira, é artesão e nos contou ter começado sua vida vendendo artesanato de caroço de tucumã, fazendo guarás, que descreveu como sendo o pássaro vermelho do Marajó. Depois que aprendeu a fazer esse pássaro, a partir de sua criatividade, passou a fazer uma diversidade de artesanatos com material extraído da natureza. Hoje tem uma loja chamada Eco Arte Marajó. Falou que adora trabalhar com arte, fazendo os seus artesanatos e destacou, como seus principais *fratrimônios bioculturais*, o aproveitamento da casca das árvores de taperebá, as cascas de coco, o uso de sementes e escama de piracema, reaproveitamento do cacho, caroços e folhas do açaí. Os quais ressignifica, fazendo assim a sua arte a partir da natureza. Apresentou como sua maior preocupação ambiental o avanço da maré e a erosão.

### **3. Terceiro estudo de caso: o Gato-Maracajá como instância fratrimonial e biocultural**

Partindo do conceito de *fratrimônio biocultural* e pensando em futuras práticas museais, o *Projeto Brasil-Índia* buscou realizar atividades de campo, testando algumas metodologias ecopedagógicas<sup>9</sup>. Estas consistiram, primeiramente, no planejamento de

---

<sup>9</sup> Pedagogia da Terra, Moacir Gadotti

uma roda de conversa com os moradores da comunidade quilombola Igarapé Genipaúba do Baixo Acará, iniciando com dinâmicas de socialização e apresentação, explicações sobre a importância da espécie, para depois ser feito um levantamento sobre quais moradores conheciam o animal, com o objetivo de instigar a auto-observação em processos ecológicos do solo e da floresta que envolvem a história de vida do Gato-Maracajá (*L. wiedii*).

Dessa maneira, deu-se início às pesquisas sobre a espécie, buscando compreender relações culturais simbólicas da comunidade com um animal da fauna local, no caso, um felino de médio porte e com risco de extinção. Buscamos nesse estudo de caso, contribuir com a construção de uma epistemologia que ajude a compreender as potencialidades fomentadoras para a conservação do felino, partindo das relações das comunidades ribeirinhas com estes animais. Considerando que a sociobiodiversidade engloba a diversidade do território e os conhecimentos tradicionais para com ela, como práticas alimentares e relações econômicas (Pinto; Sousa; Rufino, 2019).

Como já vimos anteriormente, na comunidade do quilombo Igarapé Genipaúba, o extrativismo vegetal e a pesca artesanal são as principais atividades de subsistência local, no entanto, o artesanato, confeccionado com recursos naturais como matéria prima, também carrega importância sociocultural. Devido à relação estreita dos moradores com os ecossistemas da região, a mesma comunidade foi selecionada para esta pesquisa.

Sabemos que o Gato-Maracajá é fortemente mencionado por comunidades tradicionais como um felino frequentemente caçado e morto nas imediações de suas áreas residenciais. Segundo as informações das comunidades, a espécie usualmente mata as galinhas de suas criações. Causa que justifica a caça desse animal, que costuma se aproximar das áreas residenciais em decorrência do desmatamento, e por isso tem sido registrado em declínio populacional da espécie, estando ameaçada de extinção em algumas localidades (Gutierrez *et al.*, 2022, Harmsen; Saville; Foster, 2021).

Dessa forma, com intuito de compartilhar os benefícios do animal e sua importância ecológica, foi realizada uma roda de conversa com os moradores, realizando dinâmicas de apresentação dos presentes e contação de histórias sobre a espécie, sendo analisado também a prática da comunicação oral dos quilombolas, que valorizam a partilha e a conexão com a natureza e a ancestralidade.

No contexto dos territórios quilombolas, existem muitos fazeres que têm como objetivo conservar a biodiversidade e proteger os modos de vida e a cultura das populações locais, como por exemplo a plantação de açaí para subsistência da população

local. Sendo assim, os padrões de coexistência e de coadaptação humano-natureza, dentro de tais territórios de pertencimento, precisam prioritariamente ser compreendidos, monitorados e divulgados. Como parte das atividades de campo, a fim de compreender melhor os hábitos na área de trabalho escolhida, bem como o estado de conservação da população do Gato-Maracajá e a relação da espécie com a comunidade local, foram realizados estudos de etnoecologia e inventários participativos, os quais envolveram conversas informais com os moradores (Desbiez *et al.*, 2020), que destacamos a seguir.

A roda de conversa com a comunidade sobre o Gato-Maracajá, ocorreu no dia 27 de outubro de 2024 (Figura 6). A dinâmica de abertura consistiu em uma apresentação dos presentes, quando cada um falou seu nome, o que mais gosta de fazer e uma qualidade pessoal. A seguir, se explicou a importância ecológica desse felino para os ecossistemas florestais. Destacamos que todos os presentes já tinham ouvido falar da espécie e dois deles trouxeram histórias para narrar sobre ela, as quais utilizamos para serem compreendidas por intermédio das relações *fratrimoniais* e *bioculturais*.

M1 nos contou que seu pai trouxe um Gato-Maracajá para criar em casa e que ele só comia caranguejo. Contudo, sua família não “deu conta” de comprar caranguejo para ele, então o soltaram na floresta. A informação difere do que existe registrado na literatura acadêmica, onde é dito que a dieta deste animal é composta por mamíferos de médio porte, tanto do dossel da floresta, quanto do solo (Rinaldi, 2010). Por outro lado, seus comentários sobre a opção alimentar da espécie por galinhas, é devido o desmatamento, mostrando conhecimento ecológico acerca de efeitos da degradação da floresta.

Figura 6 – A) Local de realização da roda de conversa. B) Foto em exposição feita em um varal durante a roda de conversa.



Fonte: Fotografia do *Projeto Brasil-Índia*, 2023.

Por sua vez M1 narrou que o gato-maracajá:

É arisco, as pintas são diferentes, sobe muito alto até na copa das árvores. O filho viu um e achava que era uma onça, atirou nele porque era grande. A barba dele é bem maior que um gato normal. Tem outros tipos de gato maracajá que são mais agressivos, mas nunca vi o maracajá comer galinhas. Mas se ele estiver com fome e não tiver nada para comer vão comer galinha, eles se alimentam no mato, mas tem muito desmatamento. Tinha bastante gato maracajá só que agora não tem quase, por que tá cheio de ramal e o maracajá se afugenta, ainda tem as queimadas que eles ficam com medo. (Relato de M1, 27/10/24).

O segundo morador ainda nos falou que, em um certo dia saiu para caçar, em seu serviço de rotina na mata. Os cachorros foram com ele, já passava do meio-dia. Quando chegou em uma determinada área da floresta, os cachorros correram, ele estava com sua arma de caça. Pensava que era outro animal, os cachorros correram até perto de um tronco. Ele foi atrás dos cachorros, olhou em baixo e não viu nada, “ficou rodando” por lá. Quando olhou para cima, viu o maracajá no galho da árvore subindo. M2 estava com um primo, que tinha chegado de Belém. Ele pensou que fosse uma onça (*Panthera onca*), não conhecia o maracajá. Disse que era uma onça, que ia matar, pois se não matasse ela poderia vir outro dia para cima dele e matar os cachorros. Segundo sua narrativa, quando o animal saiu da árvore, quase matou um dos seus cachorros, então ele atirou no felino, matando-o.

Falou que o animal era grande, sendo preciso duas pessoas para carregar. Contou que acredita que pesava entre 25 e 30 kg, reforçou falando que era grande como uma onça-pintada. “Aqui onde a gente mora, trabalhamos no mato, então aparece um bicho desse pra gente, é uma ameaça porque a gente sabe o instinto dele, a gente que trabalha no mato num dá para igualar” (relato de M2, 27/10/2024). Falou ter se arrependido de ter matado o maracajá - “pelo serviço da gente, de caçador, funciona assim, não comi a carne do maracajá, teve gente que comeu” (relato de M2, 27/10/24).

Quando comparamos as informações dos dois moradores, com as características gerais de ambas as espécies, encontramos grande disparidade de tamanhos entre elas. Por exemplo, o comprimento médio da cabeça e corpo do gato-maracajá varia entre o mínimo e o máximo, respectivamente, de 42,5 cm e 72 cm (Oliveira, 1998), enquanto, na onça-pintada, os comprimentos mínimos e máximos são iguais a 157 cm a 219 cm em fêmeas e 172 cm a 241 cm em machos (Seymour, 1989). Portanto, o Gato-Maracajá tem menos da metade do tamanho da Onça-Pintada, o que sugere que talvez o felino morto por M2

fosse de fato uma onça, mas segundo o peso informado, talvez se tratasse de um indivíduo jovem da espécie. No entanto, os detalhes da narrativa esclarecem muito sobre a relação dos moradores com o Gato-Maracajá em particular.

A dieta de animais carnívoros baseada em crustáceos não tem sido registrada em felinos silvestres. Ao mesmo tempo, a associação da opção alimentar por galinhas com o desmatamento é bastante fidedigna. Percebe-se haver a necessidade de um aprofundamento dos estudos ecológicos participativos e etnoecológicos na comunidade, o que irá promover maior compreensão de como os moradores se relacionam com o Gato-Maracajá e outras espécies. Optou-se por estudar a espécie por ser considerada predadora de galinhas, mas mesmo tal fato foi questionado por M1. Por outro lado, a preocupação de estabelecer uma ecopedagogia voltada à preservação dos serviços ambientais que a espécie fornece mostrou-se relevante.

A preservação e valorização do Gato-Maracajá, espécie ameaçada de extinção, são de grande importância para a biodiversidade e para o *fratrimônio biocultural* da comunidade quilombola do Genipaúba. Atualmente, essa comunidade não mantém uma relação direta com o Gato-Maracajá, justamente porque o animal está desaparecendo da região. No contexto do *fratrimônio biocultural*, há conflitos e desencontros de valores, o que reforça a necessidade de promover, por meio do conhecimento acadêmico, a conscientização sobre a relevância dessa espécie. Assim, será possível construir novos vínculos que contribuam para o desenvolvimento sustentável da comunidade. As próprias narrativas dos moradores, que foram obtidas, são fratrimoniais e bioculturais, podendo ser compartilhadas com as novas gerações, no diálogo com o conhecimento acadêmico. Isso pode garantir a conservação da espécie (*L. wiedii*), ao minimizar ameaças à sua sobrevivência causadas por temores das onças (*P. onca*), ao mesmo tempo em que se valorizam aspectos da relação humano-fauna e humano-natureza quilombolas.

### **3 FRATRIMONIOS BIOCULTURAIS E PERCEPÇÕES MUSEAIS NO PROJETO BRASIL-ÍNDIA**

Aqui, abordaremos algumas relações encontradas nos três estudos de caso em diálogo com os depoimentos de dois indianos residentes no Pará. Afinal, o objetivo central do *Projeto Brasil-Índia* é justamente estabelecer conexões entre contextos culturais e ambientes compartilhados pelos dois países, visando a futura consolidação de um ecomuseu que reflita essas interações. Pois, conforme Aguiar, Assunção e Moraes-

Ornellas (2023), é necessário: “(...) fazer aproximações entre dois países emergentes, nos quais se percebem muitas rupturas com padrões socioculturais e ambientais” (p. 61).

Dentre as aproximações possíveis, assim como no Brasil, na Índia também ocorrem celebrações tradicionais que reforçam a importância cultural da relação entre humanos, a fauna e a flora, locais ou de ambos os países. São importantes festivais como: “a) Holi; b) Diwali, ou Festival das Luzes; c) Kumbh Mela; d) Ganesh Chaturthi.” (Aguiar; Assunção; Moraes-Ornellas, 2023, p. 64). Essas festividades tradicionais do território indiano apresentam elementos semelhantes aos presentes nas festividades brasileiras, como uso de fogos de artifício e procissões de imagens de santos e/ou divindades, além da exaltação das faunas e floras locais.

Em alguns lugares, no sul da Índia, há a exaltação da pesca, uma atividade que também movimentava a economia local, bem como ocorre na festividade de São Benedito. Isso pode ser verificado na conversa com o nosso primeiro entrevistado indiano (E1), que nos contou um pouco sobre sua região de origem, no sul do país indiano, onde a religião predominante, o Hinduísmo, coexiste com várias outras religiões, inclusive o Cristianismo. Segundo o que se percebe, existem, em ambos os territórios, relações harmônicas entre os povos tradicionais e a natureza, relações estas que, sejam de preocupação com as mudanças ambientais negativas ou de exaltação da natureza como um ser vivo e divino, concepções que são expostas através de atos culturais, como a própria festividade de São Benedito, que tem toda sua importância para os povos da Amazônia, baseado em tudo que foi mencionado no presente artigo até o momento.

Além disso, é fundamental frisar que as festividades citadas estão ligadas a práticas religiosas no Brasil, sendo tradicionalmente associadas ao Cristianismo, mais especificamente à religião Católica, bem como a mencionada exaltação ao São Benedito. Na Índia, elas majoritariamente estão associadas ao Hinduísmo (Aguiar; Assunção; Moraes-Ornellas, 2023, p. 64). Ainda nas palavras das autoras, as semelhanças entre festividades de ambos os países se devem a uma ligação intercontinental, que ocorre devido à globalização cultural presente na atual conjuntura mundial, a qual também apresenta alguns aspectos negativos. Considera-se vital que tais aspectos negativos sejam analisados, sendo um deles o acúmulo de lixo descartado em público em determinadas celebrações indianas, o que pode ser visto também no próprio Círio de Nazaré, onde é de conhecimento geral que as ruas, onde ocorrem as procissões, ficam totalmente tomadas de lixo.

Já em Soure, na comunidade do Céu, realiza-se anualmente a festividade dedicada a uma santa da Igreja Católica, evidenciando a presença de tradições religiosas no cotidiano comunitário. Ali, se percebe outro aspecto negativo da globalização cultural, que é o afastamento das novas gerações em relação a esses costumes, uma vez que muitos jovens optam por deixar a comunidade em busca de formação educacional e novas oportunidades, não desejando seguir os caminhos de seus pais, já que aspiram pelo que consideram facilidades da vida urbana.

Essa realidade nos fez levantar algumas questões em torno das aproximações com a realidade dos representantes da comunidade indiana que estão presentes na Amazônia. Como está a manutenção dos costumes originais deles, inclusive religiosos, enquanto permanecem no Brasil? Até que ponto os *fratrimônios bioculturais* amazônidas influenciam algumas dimensões imateriais que caracterizavam originalmente suas próprias relações com a natureza e os territórios naturais? Será que o afastamento que os jovens de Soure demonstram também ocorre com as novas gerações indianas que vieram morar na Amazônia com relação às tradições das suas famílias?

O segundo entrevistado (E2), diz que a sensação de pertencimento e felicidade que experimenta ao estar imerso na floresta ou em contato com os rios e as águas da Amazônia, é próxima às que sentia a partir de vivências que ele costumava ter na sua terra de origem indiana. Ele também procura preservar costumes, no âmbito privado do convívio com sua esposa e filhas, ensinando-lhes detalhes da sua língua e assistindo filmes do seu país juntos. Trata-se de uma tentativa de estimular representantes das jovens gerações descendentes a manterem elos com as tradições bioculturais que lhes deram origem. Dentro disso, ele inclusive afirmou que participaria de uma iniciativa voltada à criação de um ecomuseu de cultura indiana na Amazônia.

O entrevistado indiano relata o quase desaparecimento do dialeto do seu grupo tribal na Índia, que é uma língua oral, sem sistema de escrita consolidado. Ele também vê semelhanças entre as atividades de desmatamento, construção de barragens hidrelétricas e mineração no seu país, que impactam negativamente nas comunidades, tanto no Brasil quanto na Índia. Percebem-se, portanto, eventos análogos e sentimentos semelhantes em torno de *fratrimônios bioculturais* da Amazônia marajoara e do país indiano.

Em reforço a isso, mencionamos que, nas comunidades do Pesqueiro e Cajú-Una, realizam-se festividades religiosas, como os círios, situadas próximas a belíssimas praias. Tais festividades religiosas atraem turistas às comunidades de Soure, o que, no âmbito do projeto Brasil-Índia, se assemelha ao observado entre os anos de 2013 e 2023, na colina

de Govardhana, norte do país indiano, que é um local de peregrinação, recebendo anualmente intenso afluxo de turistas. É importante considerar que o turismo em comunidades tradicionais é uma “faca de dois gumes”, sendo benéfico para elas, apenas se planejado e gerenciado com bases comunitárias. Isso é inclusive uma ferramenta de resiliência socioecológica, podendo contribuir com a manutenção de *fratrimônios bioculturais* locais, aprimorando a sustentabilidade dos moradores.

Em torno dessa manutenção, nas palavras de E1, são destacadas algumas semelhanças entre seu estado natal na Índia e as comunidades amazônicas, em que ele manteve determinada forma de contato ou estudo. Ao realizar este comparativo, o primeiro ponto mencionado é a diversidade e a coexistência de religiões com a religião predominante da Índia, o Hinduísmo, como já mencionado a pouco, religiões estas como “Islamismo, Cristianismo e o Siquismo”, fator este que se assemelha com a região amazônica, na qual apesar do Cristianismo ser a religião predominante, ele também coexiste com outras religiões, em especial as de matrizes africanas e religiões de povos amazônicos nativos (Melo, 2020).

E1 também destaca que, as florestas da Índia são diferentes das matas amazônicas, apesar de ressaltar suas similaridades. Neste viés, é possível mencionar que, apesar destas localidades apresentarem semelhanças, enfrentam seus problemas de maneiras diferentes, visando suas individualidades, sejam naturais, oriundas especificamente de cada ecossistema ou culturais, baseadas nos costumes e tradições das populações locais.

Além destes aspectos, esse entrevistado aponta também o carinho das pessoas que habitam na Amazônia pela natureza, pelos rios e pela fauna de maneira geral, estabelecendo que, para além de uma relação de sobrevivência, associada à dependência do extrativismo, da caça e da pesca, em algumas regiões amazônicas, há também a relação religiosa com a natureza. Ela se dá através de atos que visam a exaltação do sagrado baseado nas demais culturas locais, quando a natureza é identificada por muitos como parte fundamental de seus ritos, sempre sendo contemplada e reverenciada, assim como ocorre no estado de Kerala (sul da Índia).

Nesta perspectiva, E1 enfatiza que as pessoas, tanto da Amazônia, quanto de sua região natal da Índia, além da exaltação da natureza, se preocupam com as mudanças que têm ocorrido no mundo nas últimas décadas, gerando desequilíbrio aos mencionados ecossistemas, afetando negativamente fauna e flora de ambas as regiões e trazendo à tona um extenso debate ecológico que, do ponto de vista do entrevistado, perpassa pelas duas regiões.

Nesse âmbito, o segundo entrevistado indiano, E2, aponta que as populações amazônicas que vivem em torno da floresta, se relacionam de maneira semelhante às comunidades tradicionais indianas, visando o respeito à mata e sempre reverenciando sua importância em suas vidas. Este entrevistado se identifica como um indígena da Índia, vindo de uma tribo chamada Khariya, a qual fala um dialeto de mesmo nome. Ele afirma que não identifica com clareza os *fratrimônios bioculturais* de seu grupo tribal indiano que mantém vivos consigo, no entanto, afirma que mantém suas raízes indianas. Suas vivências e sua formação na Índia são presentes em sua vida, logo é interessante ressaltar algumas particularidades do E2, pois são estratégias estabelecidas por ele para que suas raízes indianas se mantenham fortificadas.

A princípio, é válido frisar novamente que seu dialeto Khariya, está disposto a uma dificuldade, pois não há um sistema de escrita consolidado ou o sistema que existe está se extinguindo. É mencionado que, existem projetos acadêmicos propostos pelas universidades de lá, designados a estabelecer o resgate de seu dialeto escrito. Neste viés, o E2 mantém sua cultura viva consigo e sua família de maneira particular, sem exposições, transmitindo seus conhecimentos sobre sua cultura e sua linguagem nativa para as suas filhas e sua esposa. Apresentando assim, uma maneira de preservar suas raízes culturais com sua família de maneira harmoniosa e natural.

Outro ponto importante na fala do E2, é a questão de seu nome e seu sobrenome, ele afirma que ao ouvir ou identificar alguém de seu país, através destes fatores citados ou por meio de se vestirem ou se expressarem, cresce nele um sentimento de pertencimento e de identidade, e sugere que isso possa ocorrer com os povos nativos daqui da Amazônia. Portanto, sua fala reflete de maneira indireta a possibilidade de conservar seus *fratrimônios bioculturais*, ainda que ele não os tenha assim denominado por meio de contatos gestacionais, no seu caso em específico através da linguagem oral tendo em vista que a escrita de seu dialeto está ameaçada.

Para além disso, sua fala se relaciona com o presente trabalho ao apontar, assim como E1, que problemas globais como desmatamento e mineração prejudicam, ainda que de maneiras diferentes, as populações tradicionais no mundo todo. Logo, novamente nota-se a importância da cultura dos povos tradicionais, ao valorizar os saberes e fazeres dos seus ancestrais.

Diante dessas informações, é possível localizar aspectos do espelho que a ecomuseologia permite estabelecer com os moradores do quilombo Igarapé Genipaúba, das comunidades de Soure e da comunidade indiana na Amazônia. Espelho esse que tem

a função de descentralizar a Educação Patrimonial e Ambiental, a partir da epistemologia meramente acadêmica, diante disso, nos fazendo refletir também, sobre as diferentes formas de concepções museológicas que surgem a partir de outros lugares de saber, analisando as possibilidades de se pensar em relações fratrioniais que se encontram presentes, manifestando as suas potencialidades, sendo nosso dever reconhecê-las devidamente e aplicar a sabedoria necessária para sua devida valorização nesses contextos (Melo, 2021).

Afinal, como se pode perceber na roda-de-conversa sobre o Gato-Maracajá, ainda há muito a se revelar para os próprios moradores da comunidade, focalizada naquele caso de estudo acerca de seus saberes ecológicos culturais. Pesquisas realizadas em torno da relação humano-fauna, demonstram que existem padrões comportamentais mútuos, entre espécies da fauna e a comunidade humana, que são importantes elementos da identidade sociocultural. Isso pode ser verificado tanto em comunidades extrativistas da Amazônia, como em populações dos sopés dos Himalaias, na fronteira entre Índia e Nepal (Moraes-Ornellas, 2024).

Pensar em maneiras de conviver harmonicamente com espécies da fauna de predadores de topo da cadeia trófica, como os felinos silvestres, aumenta o sucesso da manutenção dos processos ecossistêmicos, ensinando a como empregar de perspectivas museais para estimular a valorização dos *fratrimônios bioculturais*, os quais conservam a natureza e a diversidade dos modos de vida e da cultura humana.

Isso está bem claro entre as comunidades tradicionais da região de fronteira entre Índia e Nepal, onde populações de tigres, embora possam impactar desfavoravelmente a sobrevivência humana, têm sido protegidas por planos de ação executados pelas próprias comunidades moradoras do território da espécie (Moraes-Ornellas, 2024). Afinal, manter a saúde da floresta é essencial para que haja bem-estar entre povos indígenas, quilombolas e comunidades tradicionais que vivem em contato direto com ela. Todas essas questões, que afloram de uma análise preliminar de recortes do *Projeto Brasil-Índia*, podem dar embasamento à estruturação do ecomuseu biocultural, o qual se pretende estabelecer como um elo nas relações entre sociedades, culturas e naturezas de ambos os países, apesar da distância geográfica que os separa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das perspectivas interdisciplinares e interculturais fomentadas pelo *Projeto Brasil-Índia* da Universidade Federal do Pará, a noção de *fratrimônio biocultural* emerge como uma categoria analítica relevante para repensar os modos de reconhecimento e valorização dos saberes e práticas de povos indígenas, quilombolas, ribeirinhos, extrativistas e de tantas outras comunidades tradicionais da Amazônia e de outros países emergentes.

Diferentemente de abordagens patrimonialistas, centradas na lógica da propriedade e da conservação normativa, o conceito de *fratrimônio* propõe uma epistemologia relacional, pautada em vínculos de reciprocidade, solidariedade e pertencimento entre comunidades humanas e os ecossistemas de que fazem parte.

A experiência comparada entre Brasil e Índia, evidencia não apenas semelhanças e diferenças na diversidade *biocultural*, ela ressalta os desafios enfrentados pelas populações tradicionais em ambos os contextos e potencializa articulações entre os dois países em relação às suas práticas de memórias e preservação, e a maneira como esses vínculos revelam diversas formas de pertencimento, de valorização cultural e preservação ambiental.

Nesse sentido, o *Projeto Brasil-Índia* não apenas promove a internacionalização da universidade e o intercâmbio entre a universidade e as comunidades, mas contribui significativamente para a formulação de novas categorias analíticas e metodológicas que ampliam o campo perceptivo dos estudos *bioculturais*, em uma perspectiva plural e comprometida com os direitos coletivos, assim como gerar possíveis articulações com a museologia, principalmente no âmbito do que vem historicamente se definindo enquanto museologia social, expandindo assim novas abordagens.

Com isso, buscamos demonstrar outras formas que se dão para as relações socioecológicas presentes no mundo, usando de pesquisas em comunidades amazônicas, entrevistas preliminares com indianos que moram na Amazônia paraense e apontando projetivas para o *Projeto Brasil-Índia*, preparando os caminhos para aproximação mais direta com comunidades indianas.

Nossa intenção, tem sido reconhecer saberes e fazeres tradicionais que integram parte de processos epistêmicos genuínos de ambos os contextos e que, por vezes vêm sendo ameaçados pela hegemonia cultural de países do hemisfério norte, através de processos como a globalização. Procuramos compreender tanto as interpretações

subjetivas, como as que se referem às dimensões materiais da etnoecologia e da ecologia cultural, dentre as quais se destacam os saberes e práticas tradicionais que compõem as dinâmicas das relações entre sociedade, cultura e natureza, por isso implementamos, utilizamos e desenvolvemos o conceito de *fratrimônio biocultural*.

## REFERÊNCIAS

ALTIERI, Miguel. Ethnoscience and biodiversity: key elements in the design of Sustainable pest management systems for small farmers in developing countries. *Agriculture, Ecosystems & Environment*, v. 46, n. 1-4, p. 257-272, 1993.

ANGROSINO, Michael. *Etnografia e observação participante*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

CAIRNS, Rebecca. *Dharmic environmentalism: hindu traditions and Ecological care*. Dissertação (Mestrado em Artes). Newfoundland, Memorial University of Newfoundland, 2020.

CHAGAS, Mário de Souza. *Imaginação museal: museu, memória e poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre, Darcy Ribeiro*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2003.

CHAGAS, Mário; GOUVEIA, Ines. Museologia social: reflexões e práticas (à guisa de apresentação). *Revista Cadernos do CEOM*, v. 27, n. 41, 2014, p. 12-26.

CHAVIS, Benjamin. Foreword. In: BULLARD, Robert D. (Org.). *Confronting Environmental Racism: Voices from the Grassroots*. Cambridge: South End Press, 1993. P. 3-6.

DESBIEZ, Arnaud L. J.; MASSOCATO, Gabriel. F.; ATTIAS, Nina; COVE, Michael V. Comparing density estimates from a short-term camera trap survey with a long-term telemetry study of Giant Armadillos (*Priodontes maximus*). *Mastozoologia Tropical*, v. 27, n. 2, p. 241-246, 2020.

FIABANI, Adelmir. Titulação das terras quilombolas: a desesperança vivida pelas comunidades negras brasileiras (1988-2021). In: SILVA, Émerson Neves da (Org.). *América Latina em perspectiva: análise da escalada do autoritarismo e neoliberalismo sobre o agrário no século XXI*. Passo Fundo: Acervus, 2021. p. 265-300.

GIBBS, Graham. *Análise de dados qualitativos*. Porto Alegre: Artmed, 2009.

GUITERREZ, Igor Freitas; LIMA, Julyanne Vasconcelos; FIRMINO, Luiz Carlos; GUERRA, Thiago Sales Lobo; NOBRE, Ana Clarissa da Costa; FERREIRA, Hugo Fernandes. *Leopardus wieddi: avaliação do status de conservação*. *Ciência Animal*, v. 32, n. 4, p. 1, 2022.

HARMSSEN, Bart J.; SAVILLE, Nicola; FOSTER, Rebecca J. Long-term monitoring of margays (*Leopardus wiedii*): implications for understanding low detection rates. *PLoS ONE*, v. 16, n. 3, 2021.

HERNANDEZ, Aline Reis Calvo. Memória biocultural: cultura(s)-natureza(s) na contramão do capitaloceno. *Revista Tramas y Redes*, n. 3, p. 25-49, 2022.

LOBATO, Gerciene de Jesus Miranda; TAVARES-MARTINS, Ana Cláudia Caldeira; LUCAS, Flávia Cristina Araújo; MORALES, Gundisalvo Piratoba; ROCHA, Tainá Teixeira. Reserva Extrativista Marinha de Soure, Pará, Brasil: modo de vida das comunidades e ameaças ambientais. *Biota Amazônia*, v. 4, n. 4, 2014, p. 66-74.

MELO, Diogo Jorge de. *Festas de encantarias: as religiões afro-diaspóricas e afro-amazônicas, um olhar fratrimonial em Museologia*. Tese (Doutorado em Museologia e Patrimônio). Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro e Museu de Astronomia e Ciências Afins, Rio de Janeiro, 2020.

MELO, Diogo Jorge de; FAULHABER, Priscila. Considerações sobre o conceito de fratrimônio. In: MAGALHÃES, Fernando; COSTA, Luciana Ferreira da; HERNÁNDEZ, Francisca Hernández; CURSINO, Alan. *Museologia e Patrimônio*. v.8, 2021, p.213-233.

MENEZES, Bruno de. *Obras completas de Bruno de Menezes*. Belém: Secretaria Estadual de Cultura e Conselho Estadual de Cultura, 1993.

MORAES-ORNELLAS, Valéria dos Santos. (Org.). *Diálogos Brasil-Índia: ecopedagogia e diversidade biocultural*. Belém: Grupo de Etnoecologia Amazônica, 2023a.

MORAES-ORNELLAS, Valéria dos Santos. Etnopsicanálise, povos e comunidades tradicionais: o Papel da escuta na prática docente da educação diferenciada. *Revista Diversidade e Educação*, v. 11, n. 1, p. 785-806, 2023.

MORAES-ORNELLAS, Valéria dos Santos. *Ecologia simbólica da relação humano-fauna e etnoconservação*. Belém: Grupo de Etnoecologia Amazônica, 2024.

MORAES-ORNELLAS, Valéria dos Santos; SANTOS, Isabele Lorrane; FERNANDES, Marcus Barroncas. Ecologia cultural da comunidade quilombola do Torres, Tracuateua – PA. *Revista GeoAmazônia*, v. 11, n. 22, p. 117-143, 2023.

NAITHANI, Rajnee; PANDE, I. P. Comparative analysis of the trends in river water quality parameters: a case study of the Yamuna River. *International Journal of Scientific Reseach Engineering and Technology*, v. 4, n. 12, p. 1212-1221, 2015.

OLIVEIRA, Tadeu G. de. *Leopardus wiedii*. *Mammalian Species*, n. 579, p. 1-6, 1998.

PEDRO, Marildo da Silva; VILHARVA, Kellen Natalice; BENITES, Walkiria; MONFORT, Gislaine; GONÇALVES, Cristiano Ramos; GISLOTI, Laura Jane.

Etnoentomologia Kaiowá na Terra Indígena Panambizinho: memória e conservação da Diversidade biocultural. *Espaço Ameríndio*, v. 17, n. 3, p. 198-241, 2023.

PINTO, André Luís Aires; SOUSA, Francisca Joseli Freitas de; RUFINO, Maria do Socorro Moura. Conhecimento etnobotânico dos Tremembé da Barra do Mundaú sobre as frutas da sociobiodiversidade. *Interações*, v. 20, n. 1, p. 327-339, 2019.

RINALDI, Alcides Ricieri. *Dieta de pequenos felinos silvestres (Carnivora, Felidae), em área antropizada de Mata Atlântica de interior, Alto Rio Paraná, Paraná, Brasil*. Dissertação (Mestrado em Ecologia e Conservação). Programa de Pós-Graduação e Ecologia e Conservação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

SANTOS, Marcos Ronielly da Silva; VITORINO, Maria Isabel; PEREIRA, Luci Cajueiro Carneiro; PIMENTEL, Marcia Aparecida da Silva; QUINTÃO, Ana Flávia. Vulnerabilidade socioambiental às mudanças climáticas: condições dos municípios costeiros no estado do Pará. *Revista Ambiente & Sociedade*, v. 24, p. 1-22, 2021.

SANTOS, Reinilda de Oliveira; BARBOSA, Viviane de Oliveira. Meu Quilombo minha história: concepções quilombolas e educação patrimonial a partir de um museu. *Sillogés*, v. 5, n. 1, 2024, p. 287-318.

SEYMOUR, Kevin L. *Panthera onca*. *Mammalian Species*, n. 340, p. 1-9, 1989.

SHARMA, Rohit; KUMAR, Raghvendra; SATAPATHY, Suresh Chandra; AL-ANSARI, Nadhir; SINGH, Krishna Kant; MAHAPATRA, Rajendra Prasad; AGARWAL, Anuj Kumar; VAN LE, Hiep; PHAM, Binh Thai. Analysis of water pollution using different physicochemical parameters: a study of Yamuna river. *Frontiers in Environmental Science*, v. 8, p. 1-18, 2020.

SOUZA, Ana Cristina Silva; MELO, Diogo Jorge de; BARROSO, Gisele Nascimento; MONTEIRO, Lidiane da Costa. Naraguassu Pureza uma pajé museal e educadora social na cidade de Belém. *Revista Margens*, v. 19, n. 32, 2025 (inprint.).

SILVEIRA, José Renato Ferraz da; LEMBERCK, Pietra Souto. Resenha da obra: BUENO, Eduardo. *A Viagem do Descobrimento: um olhar sobre a expedição de Cabral*. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 1998. *Revista Latino-Americana de Relações Internacionais*, v. 7, n. 1, 2025, p. 190-193.